

AS OBRAS DE JORGE AMADO COMO FONTES PARA O ESTUDO DA PERSEGUIÇÃO ÀS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS*

Felipe Neis Araujo**

Resumo: Breve estudo sobre a perseguição das religiões afro-brasileiras onde utilizamos a obra *Tenda dos Milagres*, de Jorge Amado, como fonte principal, por tratar-se de romance no qual o autor critica as teorias científicas racistas que se desenvolveram no Brasil na última década do século XIX e nas primeiras décadas do século XX.

Palavras-chave: *Tenda dos Milagres*; perseguição religiosa; candomblé

Ao lembrá-la [Mãe Senhora] rindo seu riso pleno de sabedoria popular, ao lado de Roger Bastide, dou-me conta exata da significação da palavra cultura.¹

Sem dúvida, as obras de Jorge Amado nos levam a refletir sobre as mentalidades presentes em diversos momentos da história do Brasil. Através de seus romances podemos analisar uma série de representações que permearam o imaginário² dos brasileiros durante as últimas décadas do século XIX e por todo o século XX. Nascido em 1912, em Itabuna, Bahia, Amado retratou o cotidiano de Mães e Pais-de-Santo; de negros e mulatos na luta por espaço na sociedade, pela manutenção e ressignificação de sua cultura; criticou os impactos negativos da modernidade e da “sociedade de consumo”; elogiou a “cultura popular”. Como ressaltara Kramer, “os grandes romances retratam as controvérsias internas com maior profundidade do que os outros textos, porque a forma literária libera a linguagem e, portanto, desafia as categorias que imperam em todas as esferas culturais”.³

** Graduando em História da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

1 AMADO, Jorge. Lembrança de Roger Bastide na Bahia e em Paris. *Afroasia*. Nº 12, 1974. p. 62.

2 Empregamos aqui a noção de imaginário concebida por Sandra Pesavento: “O imaginário é sistema produtor de idéias e imagens, que suporta, na sua feitura, as duas formas de apreensão do mundo: a racional e a conceitual que formam o conhecimento científico, e a das sensibilidades e emoções, que correspondem ao conhecimento sensível”. Cf. PESAVENTO, Sandra Jatahy. PESAVENTO, Sandra. História e Literatura: uma velha-nova história In: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara(org). *História e Literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia: Edufu, 2006, p.12

3 KRAMER, Lloyd. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra. In: HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 153.

Escolhemos, para este trabalho, focar as atenções em *Tenda dos Milagres*, por tratar-se de uma obra onde Jorge Amado, além de focalizar a perseguição à cultura afro-brasileira no final do século XIX e nas primeiras do século XX, revela uma crítica às teorias científicas que tentavam uma explicação para o comportamento dos negros e de suas manifestações culturais. Através dos Códigos de Posturas Municipais⁴, do Código Penal de 1890⁵ e dos processos-crime decorrentes do “desrespeito” às leis podemos acompanhar a repressão aos cultos de origem africana partindo da visão daqueles que trabalhavam para garantir o cumprimento das leis impostas. Através da obra de Amado – baiano mestiço, Ogã⁶ de Oxóssi e, mais tarde, Obá⁷ de Xangô, eleito Deputado Federal em 1945 pelo PCB (Partido Comunista Brasileiro), autor da Lei da Liberdade de Culto Religioso em 1946, “comunista” exilado que circulou entre o povo da Casa Branca do Engenho Velho e os imortais da Academia Brasileira de Letras, lugares que as antigas hierarquias culturais situariam em pólos opostos – os negros e mestiços ganharam voz e foram encarnados em personagens que nos apresentam as mentalidades dos perseguidos. Na prosa do autor baiano os atores sociais que não puderam deixar suas impressões sobre os acontecimentos em documentos “oficiais” são revividos através das personagens.

Lembremo-nos, como nos ensinou Sandra Pesavento, que os personagens são “reais na 'verdade do simbólico' (...), são dotados de realidade porque encarnam defeitos e virtudes dos humanos”,⁸ são representações do imaginário compartilhado pelo autor, sendo, portanto, “a literatura (...) um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das

4 João José Reis nos lembra que “após a Independência, observa-se um esforço dos governos locais por controlar melhor a população livre e escrava através de leis provinciais e, sobretudo, posturas municipais, às vezes muito detalhadas, dirigidas a disciplinar diversos aspectos do comportamento coletivo”. Cf. REIS, João José. *Tambores e Tremores: A Festa Negra na Bahia na Primeira Metade do Século XIX*. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.). **Carnavais e Outras F(r)estas: Ensaio de História Social da Cultura**. São Paulo: UNICAMP/CECULT, 2002, v. 1. p. 114.

5 Note-se que o código Penal de 1890 previa punição para “o espiritismo, a magia e seus sortilégios”. Cf. DANTAS, Beatriz Góis. *De feiticeiros a comunistas: acusações sobre o Candomblé*. **Dédalo**. Nº 23, 1984, p. 99.

6 Ogã é “um cargo sacerdotal masculino do candomblé, incluindo o tocador, o sacrificador e homens de prestígio ligados afetivamente aos grupos de culto.” Cf. PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Oroxás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 568. Stefania Capone o Ogã como um “protetor do terreiro”. Cf. CAPONE, Stefania. **A busca da África no candomblé**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / Pallas, 2004. p. 362.

7 “Ministro de Xangô”, título criado por Mãe Aninha no candomblé da Casa Branca do Engenho Velho. Cf. CAPONE, Stefania. Op. Cit. p. 272, 281 e passim.

8 PESAVENTO, Sandra Jatáhy. *História & literatura: uma velha-nova história*. In: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz (org.). **Literatura e história: Identidades e fronteiras**. Uberlândia: EDUFU: 2006. p. 15.

diferentes épocas”.⁹ Os baianos malandros, sensuais e orgulhosos de sua herança africana poderiam muito bem ter existido e figurado entre os alvos das reclamações da alta sociedade baiana quando levavam seus blocos de afoxé às ruas ou insistiam na prática de bater seus tambores para invocar os deuses de além-mar.

Na construção de Pedro Archanjo, personagem principal de *Tenda dos Milagres*, escrito em 1969, Amado mistura traços do “popular” e do “erudito”¹⁰. Mestiço, nascido no ano de 1868, na Bahia, cresceu na cidade onde “o santo romano se misturava ao Orixá africano”;¹¹ .Exerceu várias profissões, mas se encantou com o poder da palavra e passou a se dedicar à tipografia numa oficina que montara com o amigo Lídio Corró “no amplo território do Pelourinho”, onde “homens e mulheres ensinam e estudam”.¹² Atentemos aqui para o fato de Amado tomar o “território do Pelourinho” como um lugar de produção cultural: lugar onde “homens e mulheres ensinam e estudam” um lugar onde se ensina e aprende a capoeira, onde “ressoam os atabaques, os berimbau, os ganzás, os agogôs, os pandeiros (...)”.¹³ Esses instrumentos embalam não apenas os cultos a Nkisses e Orixás, fazendo a ligação do mundo profano com o sagrado, mas orientam o ritmo de vida de diversas etnias africanas, sendo os batuques “uma atividade sem dúvida essencial no modo de vida africano, do lado de lá e do lado de cá do Atlântico”.¹⁴

O domínio das letras permitiu a Archanjo o acesso a um campo tomado como exclusivo das classes dominantes, as classes que detém os meios de produção cultural: sabendo ler e escrever, pode dedicar-se à “ciência”, realizou pesquisa empírica sobre os hábitos do povo baiano e se debruçou sobre a literatura produzida sobre o tema.

À época em que completou quarenta anos, Ojuobá (“Os olhos de Xangô”, título que Archanjo recebera no Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho, Ilê Axé Iyá Nassô Oká, tradicional casa de culto aos Orixás) aplicou-se à escrita de um livro dedicado ao estudo dos costumes baianos que passara tanto tempo estudando. Nele apontou as contribuições e permanências da cultura africana no Brasil. Acontece que a

9 Ibidem, p. 14.

10 Queremos dizer com esta afirmação que a personagem Pedro Archanjo compartilha de códigos legitimados socialmente como pertencentes à “cultura erudita” como, por exemplo, o domínio das letras e domina, também, códigos legitimados como pertencentes à “cultura popular” como, por exemplo, um título numa casa de candomblé.

11 AMADO, Jorge. **O compadre de Ogum**. Rio de Janeiro: Record, 1995.

12 AMADO, Jorge. **Tenda dos Milagres**. p. 13

13 Idem.

14 REIS, João José. Op. Cit., p. 118.

época e o meio vivido por Archanjo não favoreciam as opiniões de pardos ou mestiços, antes sufocavam as suas vozes e pretendiam lhes colocar em seus “devidos lugares”. Apesar da abolição da escravatura, não podemos ser ingênuos a ponto de pensar que as condições de vida de um ex-escravo ou de um preto ou mestiço nascido a partir de então fossem iguais às dos brancos. Desenvolveu-se todo um novo aparato legal para continuar exercendo controle sobre os africanos e afro-descendentes. Como observa Dantas,

É nesse contexto que se iniciam os registros e os estudos sobre as religiões dos negros no Brasil e as tentativas de delimitar no interior do segmento afro-brasileiro separações entre religião e magia, por essa via subtrair, pelo menos, uma parte dos cultos ao controle da polícia.¹⁵

No século XIX as Posturas Municipais discriminavam e proibiam claramente as religiões “negras”. Em Desterro, atual Florianópolis, o Código de Posturas que fora aprovado aos dez de maio de 1845 proibia “os ajuntamentos de escravos ou libertos para formarem batuques; bem como os que” tivessem “por objeto os supostos reinados africanos, que, por festas,” costumavam fazer. Sendo assim, “todos os que” contraviessem seriam “multados em 4\$000 réis, sendo livres e, não tendo como pagar, em 4 a 8 dias de cadeia; e sendo escravo e achandose em licença de seu senhor”, seria “castigado conforme a lei”; além disto, “o senhor que” desse “tais licenças” seria “multado em 4\$000 réis”¹⁶. “Macumbas” e outras manifestações das culturas africanas no Brasil eram “caso de polícia” até meados do século XX. Já com Nina Rodrigues temos uma tentativa de resolver sem violência o “problema” da parcial integração dos negros à cultura dominante. Nesta época, Nina Rodrigues, médico-psiquiatra vinculado à Faculdade de Medicina da Bahia, posicionava-se pela inferioridade do negro, apenas parcialmente articulado à “civilização”. A situação de inferioridade advinda da não submissão dos negros à cultura “branca” era responsável pela irresponsabilidade criminal, advogada por Nina Rodrigues em relação ao negro. Este deveria ser “educado”, totalmente integrado à “civilização” pela educação. O próprio Nina Rodrigues pensava que as manifestações afro-brasileiras não deveriam ser reprimidas

15 DANTAS, Beatriz Góis. Op. Cit., p. 99.

16 Arquivo da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina. Código de Posturas da Câmara Municipal da cidade do Desterro. Leis 1841-1847, p. 217, artigo 38.

pela força policial. Assim, condenava a “falta de compostura das autoridades”, que, quando reprimiam violentamente o negro, demonstravam que “não fazem mais do que copiar o modo de proceder dos régulos e chefes africanos”¹⁷ É justamente Nina Rodrigues que serviu de inspiração a Amado para compor o Personagem Nilo Argolo, segundo a leitura de Ilana Goldenstein¹⁸. Da mesma forma, a citada autora posiciona-se sobre Manoel Querino servir de inspiração ao personagem Pedro Archanjo.¹⁹ A medicina e a antropologia racista contribuíram com um reforço à idéia de que os pretos e pardos eram ignorantes, vagabundos, degenerados e mais suscetíveis às degenerescências mentais. Archanjo busca mostrar que os afro-descendentes não são “mestiços degenerados em promiscuidade imunda, uns animais ou, pior, uns criminosos”, “(...) mestiços degenerados em sórdida, em imunda promiscuidade”, como escrevera “um professor de medicina, um doutor, um catedrático”; pretendia mostrar que isto era “mentira, (...) calúnia”.²⁰

Amado registra sua opinião sobre o período:

Nos começos do século [XX], a Faculdade de Medicina [da Bahia] encontrava-se propícia a receber e a chocar as teorias racistas pois deixara paulatinamente de ser o poderoso centro de estudos médicos (...) para transformar-se em ninho de sublitteratura, da mais completa e acabada, da mais retórica, balofa e acadêmica, a mais retrógrada. Na grande Escola deflagraram-se as bandeiras do preconceito e do ódio.²¹

Admirador de Gilberto Freyre e Bastide, de quem era particular amigo, Amado afirmou que “poucas pessoas compreenderam e sentiram tão completamente a Bahia quanto Roger Bastide”²² – que, durante as décadas de 1930 a 1960 dedicou-se a estudar as questões raciais e o candomblé. Amado critica a produção científica das duas primeiras décadas do século XX, quando “travou-se uma polêmica nos bastidores da

17 NINA RODRIGUES, Raymundo. **Os africanos no Brasil**. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: Editora da UnB, 1982, p.249.

18 GOLDENSTEIN, Ilana Seltzer. Uma leitura antropológica de Jorge Amado: dinâmicas e representações da identidade nacional. **Diálogos Latinoamericanos**. Nº 5, 2002

19 “Manoel Querino era pobre e mulato, obteve pouca notoriedade durante a vida, escreveu livros sobre culinária baiana e sobre homens negros “notáveis” na Bahia, tudo exatamente como Jorge Amado descreve para a personagem Pedro Archanjo, em Tenda dos milagres. Por outro lado, o título fictício da obra do vilão Nilo Argolo é idêntico ao de um tratado real sobre a desigualdade mental entre brancos e negros, escrito por Nina Rodrigues, o primeiro professor da Faculdade de Medicina da Bahia: As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil (1894).” Cf. GOLDENSTEIN, Ilana Seltzer. Op. Cit., p. 20.

20 AMADO, Jorge. **Tenda dos Milagres**. p. 100.

21 Idem, p. 152.

22 AMADO, Jorge. Lembrança de Bastide na Bahia e em Paris. P. 62.

Faculdade [de Medicina da Bahia] em torno do problema racial no mundo e no Brasil, envolvendo teses, teorias, autores, cátedras e autoridades científicas e policiais”, tendo “livros, memórias, artigos, folhetos” sido “escritos e publicados”, havendo “o tema [do problema racial]” obtido “repercussão na imprensa, sobretudo na forma de virulentas campanhas a propósito de aspectos da vida da cidade [de Salvador] e de sua condição religiosa e cultural”.²³

Anos após a morte de Ojuobá, sua obra é “descoberta” por um professor estadunidense, James Levenson, que se torna centro das atenções entre a população de Salvador., em 1968, ao visitar a cidade para conhecer o lugar “onde viveu e trabalhou um homem notável, de idéias profundas e generosas, um criador do humanismo, (...) Pedro Archanjo.²⁴ Um professor brasileiro já propusera ao diretor da Faculdade de Filosofia da Bahia divulgar a obra de Archanjo. Trabalhara na produção de uma introdução e de notas explicativas, mas o reitor disse-lhe que “estava perdendo tempo com as baboseiras de um negro bêbado. Bêbado e subversivo.” Foi preciso que Levenson, o professor estadunidense, “empresta[sse] a devida importância”²⁵ ao “etnólogo” baiano para que sua obra fosse reeditada.

Fausto Pena, um dos narradores do romance, aceita a proposta de Levenson e dedica-se a pesquisar a vida de Archanjo. Além de bacharel em Ciências Sociais, Fausto ocupa-se com a literatura; escreve poemas e organiza a sessão *Coluna da Jovem Poesia* num jornal, tarefa “gratuita e difícil, mas de certa maneira compensadora, dava prestígio e gabarito”.²⁶ Não se enquadrava nem “à esquerda” e nem “à direita”, buscava apenas o lucro pessoal. Em verdade, Levenson paga para que deixasse o caminho livre entre ele e Ana Mercedes, noiva de Fausto. A mulata encantara o professor e despertara ciúmes em Pena. A solução foi arrumar ao noivo traído algo com que se ocupar, pagá-lo em dólares e dispensá-lo. Apesar de um pouco contrariado, Fausto aceita²⁷.

Quando as reedições das obras de Archanjo são lançadas nos Estados Unidos, prefaciadas por Levenson, Pena percebe que os dados que coletara não foram utilizados no trabalho. Decide, então, fazer algum dinheiro com a pesquisa realizada; dirige-se aos donos dos jornais da cidade para tentar lhes vender sua versão da biografia de Archanjo.

23 AMADO, Jorge. **Tenda dos Milagres**. p. 151.

24 AMADO, Jorge. **Tenda dos Milagres**. p. 28

25 Idem, p. 31.

26 Idem, p. 55.

27 Idem, p. 75.

Zezinho Pinto, um dos mais influentes editores, recusa-se a publicar as “maledicências” de Fausto sobre Archanjo e lhe censura:

Meu caro Fausto, pense nas crianças das escolas. (...) Polígamo, que infâmia! Não era sequer casado! Meu caro poeta, aprenda esta lição: um grande homem tem de possuir integridade moral e se, por acaso, transigiu e prevaricou, cabe-nos repô-lo em sua perfeição. Os grandes homens são patrimônios da pátria, exemplos para as novas gerações: devemos mantê-los no altar do gênio e da virtude.²⁸

Em passagem interessante da obra, somos apresentados à reflexão de Zezinho Pinto sobre a condição de Archanjo, reflexão que nos ajuda a compreender a distinção feita entre o “vil populacho” e as classes cultas: “não podemos nos esquecer que Archanjo proveio do povo, das classes humildes e laboriosas, *delas se elevando às culminâncias da ciência e das letras.*”²⁹ Lembremo-nos que a palavra “culminância”, do latim “*culminantia*”, refere-se a “*auge*”, “*apogeu*”, “*zênite*”, “*ponto mais elevado*”.³⁰ Ao interpretar a capacidade de ler, escrever e produzir uma obra científica como uma “ascensão” às culminância das letras e da ciência”, a personagem traz à tona a concepção vigente sobre as escalas de hierarquia cultural: as classes “humildes e laboriosas”, o povo “ignorante”, embaixo; o topo reservado àqueles que compartilham os códigos culturais legitimados que lhes permitem ocupar tal lugar.

28 Idem, p. 115.

29 Idem, p. 119, grifo meu.

30 Cf. <http://priberam.pt/dlpo>, acesso em 05/ago/2008 às 17:30.